

JOHN SCALZI

GUERRA DO VE- LHO



JOHN SCALZI

GUERRA DO VE— LHO


ALEPH

TRADUÇÃO
DE
PETÊ
RISSATTI

PARTE 1

1_

No meu aniversário de 75 anos fiz duas coisas: visitei o túmulo da minha esposa, depois entrei para o exército.

Visitar o túmulo de Kathy foi a menos dramática das duas.

Ela está enterrada no Cemitério de Harris Creek, a pouco menos de uma milha da rua onde moro e onde criamos nossa família. Levá-la ao cemitério talvez tenha sido mais difícil do que deveria ser. Nenhum de nós esperava precisar tão logo de um funeral, por isso não havíamos providenciado nada. É um pouco mortificante, para usar a palavra mais precisa, ter de discutir com um administrador de cemitério sobre sua esposa não ter feito uma reserva para ser enterrada. No fim das contas, meu filho, Charlie, que por acaso era prefeito, mexeu alguns pauzinhos e conseguiu o jazigo. Ser pai do prefeito tem suas vantagens.

Mas então, sobre o túmulo. Simples e discreto, com uma daquelas lajes pequenas em vez de uma grande lápide. Como contraste, Kathy jaz ao lado de Sandra Cain, cuja lápide um tanto grande demais é de granito preto polido, com a foto de colegial de Sandy e uma frase sentimental de Keats sobre a morte da juventude e da beleza inscrita em jato de areia na parte da frente. É muito a cara de Sandy. Kathy teria achado graça se soubesse que Sandy estava estacionada ao lado dela com uma lápide grande e dramática. Durante toda a vida, Sandy alimentou uma concorrência passivo-agressiva divertida com ela. Se Kathy chegasse à venda beneficente de assados com uma torta, Sandy traria três e ficaria indignada, sem nem disfarçar, se a torta de Kathy fosse vendida antes. Kathy às vezes tentava se precaver do problema comprando uma das tortas de Sandy. Do ponto de vista de Sandy, é difícil dizer se isso melhorava ou piorava as coisas.

Suponho que a lápide de Sandy poderia ser considerada a última palavra na disputa, uma exibição final que não poderia ser refutada, pois, no fim das contas, Kathy já estava morta. Por outro lado, não me lembro de ninguém visitando Sandy. Três meses depois de Sandy ter falecido, Steve Cain vendeu a casa e mudou-se para o Arizona com um sorriso mais largo que a Rodovia Interestadual 10 grudado no rosto. Ele me enviou um cartão-postal um tempo depois: estava se juntando com uma mulher que fora estrela pornô cinquenta anos antes. Me senti sujo por uma semana depois de receber essa informação. Os filhos e netos de Sandy moram na cidade vizinha, mas poderiam muito bem estar no Arizona, pela quantidade de vezes que visitam a cidade. A frase de Keats na lápide de Sandy provavelmente nunca mais foi lida desde o funeral, exceto por mim, de passagem, quando vou visitar minha mulher a alguns pés de distância.

A lápide de Kathy tem seu nome (Katherine Rebecca Perry), data de nascimento e morte, e as palavras: “ESPOSA E MÃE AMADA”. Leio essas palavras repetidamente todas as vezes que a

visito. Não consigo evitar. São quatro palavras que resumem uma vida de forma tão canhestra, mas tão perfeita. A frase não diz nada sobre ela, sobre como ela era dia após dia ou como trabalhava, quais eram seus interesses ou para onde gostava de viajar. Não era possível saber qual era sua cor favorita ou como ela gostava de usar o cabelo, em quem votava ou como era seu senso de humor. Não dava para saber nada dela, exceto que era amada. E era. Ela mesma considerava isso o suficiente.

Eu odeio este lugar. Odeio que a mulher que viveu comigo durante 42 anos esteja morta, que em um minuto, numa manhã de sábado, ela estivesse na cozinha misturando massa de waffle em uma tigela e me contando sobre a briga na reunião do conselho da biblioteca na noite anterior e, no minuto seguinte, estivesse no chão, contorcendo-se enquanto o derrame partia seu cérebro ao meio. Odeio o fato de suas últimas palavras terem sido: “Onde eu botei a porcaria da baunilha?”.

Odeio ter me transformado num daqueles velhos que visitam o cemitério para ficar com a falecida esposa. Quando eu era (muito) mais jovem, costumava perguntar a Kathy de que isso adiantava. Uma pilha de carne e ossos apodrecendo. A pessoa havia partido – para o céu, para o inferno, para qualquer lugar ou lugar nenhum. A gente podia também visitar uma peça de acém. Quando envelhecemos, percebemos que esse sentimento não muda. Só não damos importância. É o que temos.

Por mais que eu odeie o cemitério, ao mesmo tempo fico grato por sua existência. Sinto saudades da minha mulher. É mais fácil sentir falta dela num cemitério, onde ela nunca esteve a não ser depois de morta, do que sentir falta dela em todos os lugares nos quais esteve viva.

Não fiquei por muito tempo, nunca fico. Apenas o suficiente para sentir a pontada que ainda estava bem viva depois de oito anos, aquela que serve para me lembrar de que tenho outras coisas a fazer além de perambular em um cemitério como um velho tolo e miserável. Depois de sentir a pontada, virei-me e saí, sem nem mesmo olhar ao redor. Seria a última vez que visitaria o cemitério ou o túmulo da minha mulher, mas não quis gastar muita energia pensando nisso. Como disse, aquele era o lugar onde ela nunca esteve antes de morrer. Não vale muito a pena lembrar.

Se bem que, ao pensar nisso, me alistar no exército não era tão dramático assim.

Minha cidade era pequena demais para ter uma junta de alistamento. Precisei ir até Greenville, a sede do condado, para me alistar. A junta de alistamento ocupava uma loja em uma galeria comum. Havia uma loja de bebidas autorizada de um lado e um estúdio de tatuagem do outro. Dependendo da ordem na qual esses lugares fossem visitados, poderia se acordar na manhã seguinte com problemas sérios.

O interior da junta era ainda menos atraente, se é que é possível. Consistia em uma mesa com um computador e uma impressora, um ser humano atrás dessa mesa, duas cadeiras à sua frente e mais seis alinhadas em uma das paredes. Uma mesinha na frente dessas cadeiras continha informações sobre recrutamento e algumas edições antigas da *Time* e da *Newsweek*. Kathy e eu estivemos lá uma

década antes, claro. Desconfio que nada havia sido removido, muito menos alterado, inclusive as revistas. O ser humano parecia ser novo. Ao menos não me lembro de o recrutador anterior ter tanto cabelo. Ou seios.

A recrutadora estava ocupada digitando algo no computador e não fez menção de erguer os olhos quando entrei.

– Já atendo o senhor – ela murmurou, mais ou menos como uma reação pavloviana à abertura da porta.

– Não tem pressa – eu disse. – Sei que tem muita gente. – Essa tentativa de humor quase sarcástico foi ignorada e mal recebida, o que era típico já há alguns anos. Era bom ver que eu não havia perdido a forma. Sentei-me diante da mesa e esperei a recrutadora terminar fosse lá o que estivesse fazendo.

– Está indo ou vindo? – ela perguntou, ainda sem erguer os olhos de verdade.

– Desculpe?

– Indo ou vindo – ela repetiu. – Vindo apresentar seu alistamento voluntário ou indo começar o serviço?

– Ah, indo, por favor.

Finalmente ela me olhou, estreitando os olhos através de um par de óculos bem sérios.

– O senhor é John Perry – ela disse.

– É, sou eu. Como adivinhou?

Ela olhou de volta para o computador.

– A maioria das pessoas que quer se alistar vem no dia do aniversário, mesmo que tenha até trinta dias para formalizar o alistamento. Temos apenas três aniversários hoje. Mary Valory já ligou para dizer que não vai. E o senhor não parece ser Cynthia Smith.

– Fico feliz em ouvir isso – comento.

– E como o senhor não está vindo para um alistamento inicial – ela continuou, ainda ignorando outra cutucada de humor –, é bem provável que seja John Perry.

– Eu poderia ser apenas um velho solitário perambulando por aí em busca de alguém para conversar.

– Esses não vêm muito aqui – ela retrucou. – Em geral são afugentados pelos garotos da loja ao lado com as tatuagens de demônio. – Finalmente, afastou o teclado e me deu total atenção. – Então, pode me mostrar a identidade, por favor.

– Mas a senhorita já sabe quem sou – falei para lembrá-la.

– Só para garantir – ela disse. Não havia o menor vestígio de sorriso ao falar. Lidar com velhos fedidos e faladores todos os dias aparentemente já tivera seu efeito.

Entreguei minha carteira de motorista, certidão de nascimento e carteira de identidade. Ela as recolheu, estendeu a mão sobre a mesa para pegar um digitalizador portátil, conectou-o ao computador e empurrou-o na minha direção. Estendi a mão com a palma para baixo e esperei a digitalização terminar. Ela puxou o aparelho e deslizou minha identidade nele para emparelhar a impressão digital. Por fim, ela disse:

– O senhor é mesmo John Perry.

– E agora voltamos ao início – eu falei.

Ela me ignorou de novo.

– Dez anos atrás, durante sua sessão de orientação de alistamento, o senhor recebeu informações relativas às Forças Coloniais de Defesa e às obrigações e aos deveres que assumiria ao ingressar nas FCD – disse no tom de voz que indicava que ela repetia aquilo ao menos uma vez ao dia, todos os dias, em grande parte de sua vida profissional. – Além disso, nesse intervalo, o senhor recebeu materiais para lembrá-lo das obrigações e deveres que estaria assumindo. Neste momento, o senhor precisará de informações adicionais ou uma apresentação de reciclagem, ou declara que entende totalmente as obrigações e deveres que está prestes a assumir? Saiba que não há custo em solicitar materiais de reciclagem ou optar por não ingressar nas FCD neste momento.

Relembrei a sessão de orientação. A primeira parte consistiu em um bando de cidadãos idosos sentados em cadeiras dobráveis no Centro Comunitário de Greenville, comendo rosquinhas, bebendo café e ouvindo um apparatchik chatíssimo das FCD tagarelando sobre a história das colônias humanas. Em seguida, ele entregou panfletos sobre a vida a serviço das FCD, que parecia muito com a vida militar em qualquer lugar. Durante a sessão de perguntas e respostas, descobrimos que ele não estava de fato nas FCD; havia acabado de ser contratado para fazer apresentações na área do vale de Miami.

A segunda parte da sessão de orientação foi um exame médico breve – um médico entrou e coletou sangue, passou um cotonete no lado de dentro da minha bochecha para retirar algumas células e fez um escaneamento cerebral. Aparentemente fui aprovado. A partir daí, o panfleto que recebi na orientação foi enviado para mim uma vez ao ano pelo correio. Comecei a jogá-los fora depois do segundo ano. Desde então, não havia mais lido.

– Entendo – eu falei.

Ela assentiu, estendeu a mão para puxar uma folha de papel e uma caneta e entregou os dois para mim. O papel continha vários parágrafos, cada um com espaço para assinatura logo abaixo. Reconheci o papel, pois havia assinado outro muito semelhante dez anos antes, para indicar que havia entendido onde me enfiaria uma década depois.

– Vou ler para o senhor cada um dos seguintes parágrafos – ela disse. – Ao fim de cada parágrafo,

se o senhor entender e aceitar o que li, por favor, assine e ponha data na linha imediatamente seguinte ao parágrafo. Se tiver perguntas, faça ao fim de cada leitura de parágrafo. Se não entender ou não aceitar o que eu tiver lido e explicado ao senhor, não assine. Entendido?

– Entendido.

– Muito bem – falou ela. – Parágrafo um: Eu, abaixo-assinado, reconheço e compreendo que estou me voluntariando de livre e espontânea vontade e sem coerção para ingressar nas Forças Coloniais de Defesa por um prazo mínimo de dois anos. Compreendo também que o prazo pode ser prorrogado unilateralmente pelas Forças Coloniais de Defesa por até oito anos adicionais em tempos de guerra e dificuldades.

Essa cláusula de prorrogação de “dez anos no total” não era novidade para mim, eu li as informações que recebi uma ou duas vezes, embora imagine quantas pessoas passaram por cima dela e, daquelas que não o fazem, quantas de fato pensaram em ficar presas a um serviço militar por dez anos. Tinha a sensação de que as FCD não pediriam dez anos se não sentissem que precisariam deles. Por conta das Leis de Quarentena, não ouvimos muito sobre as guerras coloniais. Mas o que ouvimos é o bastante para saber que não há tempos de paz lá fora no universo.

Assinei.

– Parágrafo dois: Entendo que, ao me voluntariar para ingressar nas Forças Coloniais de Defesa, concordo em portar armas e usá-las contra os inimigos da União Colonial, que podem incluir outras forças humanas. Durante meu prazo de serviço, não posso me recusar a portar e usar armas conforme ordenado ou levantar objeções religiosas ou morais contra essas ações para evitar o combate.

Quantas pessoas se voluntariam para um exército e, depois, levantam objeções conscienciosas? Assinei.

– Parágrafo três: Entendo e concordo que executarei de modo fiel e com toda a agilidade as ordens e instruções dadas a mim pelos oficiais superiores, conforme previsto no Código Geral de Conduta das Forças Coloniais de Defesa.

Assinei.

– Parágrafo quatro: Entendo que, ao me voluntariar para as Forças Coloniais de Defesa, consinto com quaisquer regimes e procedimentos médicos, cirúrgicos ou terapêuticos que sejam considerados necessários pelas Forças Coloniais de Defesa para aumentar a prontidão de combate.

Ali estava o motivo pelo qual eu e inúmeros outros idosos de 75 anos se alistavam todos os anos.

Certa vez, disse ao meu avô que, quando eu tivesse a idade dele, já teríamos descoberto uma maneira de estender drasticamente a expectativa de vida humana. Ele riu da minha cara e me contou que também achava isso e, mesmo assim, lá estava ele, um velho de qualquer forma. E aqui também estou. O problema de envelhecer não é acontecer uma desgraça após a outra – é toda a desgraça

acontecer de uma vez e o tempo todo.

É impossível parar de envelhecer. Terapias com genes, substituição de órgãos e cirurgia plástica dão um bom trabalho para o envelhecimento. Mas ele acaba pegando a gente de qualquer jeito. Consiga um pulmão novo e uma válvula cardíaca estoura. Consiga um coração novo e seu fígado incha até ficar do tamanho de uma piscina inflável infantil. Mude de fígado, você tem um derrame. Este é o trunfo do envelhecimento: ainda não dá para substituir o cérebro.

A expectativa de vida subiu quase até a marca de 90 anos um tempo atrás e parou por aí desde então. Com dificuldade adicionamos quase mais uma vintena aos “setentinha”, e então Deus parece ter batido o pé. As pessoas podem viver mais, e de fato o fazem, mas ainda vivem esses anos a mais como velhos. Nada mudou muito nesse sentido.

Preste atenção: quando se tem 25, 35, 45 ou até mesmo 55, ainda é possível sentir-se bem com as chances de enfrentar o mundo. Quando se tem 65 e o corpo está diante da ruína física iminente, esses “regimes e procedimentos médicos, cirúrgicos ou terapêuticos” começam a parecer interessantes. Então chegamos aos 75, os amigos morrem, e já trocamos ao menos um órgão principal, precisamos mijar quatro vezes durante a noite e não conseguimos subir um lance de escadas sem ficar um pouco zonzos – e dizem que estamos em muito boa forma para a idade.

Trocar isso por uma década de vida nova em uma zona de combate começa a parecer um negócio e tanto. Especialmente porque, se você não for, em uma década terá 85, e aí a única diferença entre você e uma uva-passa será que, embora ambos estejam enrugados e não tenham próstata, a uva-passa nunca teve uma próstata, para começo de conversa.

E como as FCD conseguem reverter o fluxo do envelhecimento? Ninguém no planeta sabe. Cientistas na Terra não conseguem explicar como fazem isso, tampouco replicar seus êxitos, embora não seja por falta de tentativa. As FCD não operam no planeta, então é impossível perguntar a um veterano. No entanto, eles recrutam apenas no planeta, então os colonos também não sabem, mesmo se fosse possível perguntar, o que não é. Quaisquer terapias que as FCD realizem são feitas fora da Terra, nas zonas próprias de controle deles, longe do alcance dos governos global e nacional. Então, não há ajuda do Tio Sam ou de nenhum outro governo.

De vez em quando, uma assembleia legislativa, presidente ou ditador decide banir o recrutamento das Forças Coloniais até elas revelarem seus segredos. As FCD nunca discutem: levantam acampamento e partem. Então, todas as pessoas com 75 anos naquele país fazem longas viagens internacionais das quais nunca retornam. As Forças não dão explicações, nem justificativas, tampouco pistas. Quem quiser descobrir como elas rejuvenescem as pessoas precisa se alistar.

Assinei.

– Parágrafo cinco: Entendo que, ao me voluntariar para as Forças Coloniais de Defesa, estou

abdicando da minha cidadania em minha entidade política nacional, neste caso os Estados Unidos da América, e também do privilégio residencial que me permite morar no planeta Terra. Entendo que minha cidadania será doravante transferida em caráter geral à União Colonial e em caráter específico às Forças Coloniais de Defesa. Reconheço e compreendo ainda que, ao abdicar da minha cidadania local e do meu privilégio residencial planetário, ficarei impedido de retornar posteriormente à Terra e, após a conclusão do meu período de serviço dentro das Forças Coloniais de Defesa, serei alojado na União Colonial e/ou nas Forças Coloniais de Defesa.

Simplificando: não dá para voltar para casa. É parte integrante das Leis de Quarentena, que foram impostas pela União Colonial e pelas FCD, ao menos oficialmente, para proteger a Terra de outros desastres xenobiológicos como a Ondulação. O pessoal na Terra foi todo a favor na época. Engraçado o quanto um planeta se torna insular quando um terço de sua população masculina perde permanentemente a fertilidade no intervalo de um ano. As pessoas ficaram menos entusiastas dessas leis desde então – ficaram cansadas da Terra, querem ver o restante do universo e esqueceram tudo sobre o Tio-Avô Walt, que não teve filhos. Mas a UC e as FCD são as únicas com espaçonaves equipadas com salto espacial, que possibilita viagens interestelares. Então, é isso.

(O que torna a concordância em colonizar onde a UC nos diz para colonizar um pouco irrelevante. Como eles são os únicos com as naves, vamos aonde ela nos levar de qualquer forma. Eles não deixariam um de nós pilotar a espaçonave.)

Um efeito colateral das Leis de Quarentena e do monopólio do salto espacial é tornar a comunicação entre a Terra e as colônias (e entre uma colônia e outra) quase impossível. A única maneira de conseguir uma resposta oportuna de uma colônia é botar uma mensagem numa nave com salto espacial. As FCD podem levar mensagens e dados a contragosto para governos planetários dessa maneira, mas qualquer outra pessoa não terá a mesma sorte. É possível adaptar uma antena satélite e esperar captar sinais de comunicação das colônias, mas Alpha, a colônia mais próxima da Terra, está a 83 anos-luz de distância, o que dificulta fofocas animadas entre planetas.

Nunca perguntei, mas imaginava que exatamente esse parágrafo fazia a maioria das pessoas desistir. Uma coisa é pensar que você deseja ser jovem de novo, outra completamente diferente é virar as costas para tudo o que já viu, todos aqueles que conheceu e amou e toda a experiência que teve por um período de mais de sete décadas e meia. É um inferno dizer adeus a uma vida inteira.

Assinei.

– Parágrafo seis. Último parágrafo – a recrutadora declarou. – Reconheço e entendo que, a partir do meu transporte para fora da Terra pelas Forças Coloniais de Defesa ou de 72 horas da assinatura deste documento, o que ocorrer primeiro, serei considerado falecido para fins legais em todas as entidades políticas pertinentes, neste caso, no Estado de Ohio e nos Estados Unidos da América.

Todos e quaisquer bens remanescentes serão alocados segundo a lei. Todas as obrigações ou responsabilidades jurídicas que por lei se extinguem com o falecimento serão assim extintas. Todos os registros jurídicos, sejam eles beneméritos ou prejudiciais, serão cancelados e todas as dívidas quitadas segundo a lei. Reconheço e entendo que, caso eu não tenha feito as disposições para a distribuição de meus bens e mediante minha solicitação, as Forças Coloniais de Defesa me oferecerão aconselhamento jurídico e financeiro para fazê-lo dentro de 72 horas.

Assinei. A partir dali, tinha 72 horas para viver, por assim dizer.

– O que acontece se eu não deixar o planeta dentro de 72 horas? – eu perguntei quando devolvi o papel para a recrutadora.

– Nada – ela disse, pegando o formulário. – Exceto que, como você estará juridicamente falecido, todos os seus pertences serão divididos de acordo com seu testamento, seu plano de saúde e seguro de vida serão cancelados ou pagos aos seus herdeiros e, estando juridicamente morto, não terá qualquer direito a proteção segundo a lei, desde calúnia até assassinato.

– Então alguém poderia simplesmente chegar e me matar e não haveria repercussões jurídicas?

– Bem, não – ela respondeu. – Se alguém matá-lo enquanto estiver juridicamente morto, acredito que aqui em Ohio essa pessoa poderia ser julgada por “vilipêndio a cadáver”.

– Fascinante.

– No entanto – ela continuou em seu tom ainda mais penosamente direto –, em geral não chega a esse ponto. A qualquer momento entre agora e o fim das 72 horas, o senhor pode simplesmente mudar de ideia sobre se alistar. Basta me ligar. Se eu não estiver aqui, uma secretária eletrônica pegará seu nome. Assim que verificarmos que foi realmente o senhor que solicitou o cancelamento do alistamento, será liberado de qualquer obrigação. Tenha em mente que esse cancelamento impede permanentemente um futuro alistamento. É definitivo.

– Entendido – disse eu. – Precisa que eu preste juramento?

– Não – ela respondeu. – Preciso apenas registrar este formulário e lhe dar sua passagem. – Ela voltou ao computador, digitou por alguns minutos e, então, apertou a tecla ENTER. – O computador está gerando sua passagem agora – ela avisou. – Um minuto.

– Tudo bem – falei. – Se importa se eu fizer uma pergunta?

– Sou casada – ela respondeu.

– Não era isso que eu ia perguntar. As pessoas realmente cantam você?

– O tempo todo. É bastante incômodo.

– Imagino – comentei. Ela assentiu. – O que eu ia perguntar era se a senhora já conheceu alguém das FCD.

– O senhor diz além dos alistados?

Eu assenti.

– Não. As FCD têm uma empresa aqui embaixo que cuida do recrutamento, mas nenhum de nós é efetivamente um membro. Acho que nem mesmo o diretor-presidente. Recebemos todas as informações e os materiais da equipe da embaixada da União Colonial e não das FCD diretamente. Acho que eles sequer vêm para a Terra.

– Não se incomoda em trabalhar para uma organização que nunca conheceu?

– Não – disse ela. – O trabalho é bom e ganho surpreendentemente bem, considerando o baixo orçamento que liberam para a decoração aqui. De qualquer forma, o senhor vai entrar em uma organização que nunca conheceu. Não incomoda o senhor?

– Não – admiti. – Estou velho, minha mulher está morta e não há muitos motivos para ficar aqui. A senhora vai se alistar quando chegar a hora?

Ela deu de ombros.

– Não me importo em envelhecer.

– Eu também não ligava de envelhecer quando era jovem – respondi. – Foi ser velho que passou a incomodar.

A impressora fez um zumbido baixo e um objeto parecido com um cartão de visitas saiu. Ela pegou e me entregou.

– Sua passagem – ela me disse. – Identifica o senhor como John Perry, recruta das FCD. Não perca. Seu transporte sairá desta junta em três dias para levá-lo ao Aeroporto de Dayton. Parte às 8h30. Sugerimos que chegue aqui cedo. Poderá levar apenas uma bagagem de mão. Por favor, escolha cuidadosamente as coisas que deseja levar. De Dayton, o senhor pegará o voo das 11h para Chicago e, em seguida, às 14h, um voo de avião-delta para Nairóbi. Nairóbi está nove horas à nossa frente, então o senhor chegará lá por volta da meia-noite, horário local. Encontrará um representante das FCD e terá a opção de pegar o Pé-de-feijão das 2h até a Estação Colonial ou descansar um pouco e pegar o Pé-de-feijão das 9h. A partir daí, o senhor estará nas mãos das FCD.

Peguei a passagem.

– O que faço se qualquer um desses voos atrasar?

– Nenhum deles jamais atrasou nos cinco anos em que trabalho aqui – ela disse.

– Uau – falei. – Aposto que os trens das FCD chegam no horário também.

Ela me olhou sem expressão.

– Olha – continuei –, tentei fazer piadas com a senhora o tempo inteiro que estive aqui.

– Eu sei – ela retrucou. – Desculpe. Meu senso de humor foi retirado cirurgicamente quando eu era criança.

– Ah – eu disse.

– Foi uma piada – disse ela e se levantou, estendendo a mão.

– Olha só! – Eu me levantei e apertei sua mão.

– Parabéns, recruta – ela disse. – Boa sorte lá fora, nas estrelas. É o que desejo de coração – ela acrescentou.

– Obrigado. Obrigado mesmo.

Ela assentiu com a cabeça, sentou-se novamente e voltou os olhos para o computador. Eu estava dispensado.

No caminho de saída, vi uma mulher mais velha atravessando o estacionamento na direção da junta de recrutamento. Fui até ela.

– Cynthia Smith? – perguntei.

– Sou eu – ela respondeu. – Como o senhor sabe?

– Queria apenas desejar feliz aniversário – eu disse e, em seguida, apontei para o céu. – E dizer que talvez nos encontremos novamente lá em cima.

Ela sorriu quando entendeu tudo. Por fim, consegui sorrir naquele dia. As coisas estavam melhorando.